CINEMA

Comédia popular brasileira

Jadyr Pavão Júnior - Depois do drama rasgado, o cinema nacional aposta no humor comportado para divertir o grande público, que nem sempre tem vontade de rir

Fotos: Divulgação

Irma Vap - O Retorno: da nova safra, é o que mais se aproxima da gargalhada deliciosa

O ÚLTIMO CHOQUE do cinema brasileiro foi provocado por *Cidade de Deus*, de Fernando Meirelles. O tranco atingiu a crítica e o grande público, para o bem ou para o mal, de maneira que ninguém ficou indiferente ao ver uma tragédia propriamente brasileira recriada na telona. Depois, veio *Carandiru*, de Hector Babenco, um soco no estômago menos intenso. Os dois ultrapassaram a barreira dos 3 milhões de espectadores, um feito para qualquer filme nacional. Afinal, a cifra costuma ficar "reservada" aos blockbusters americanos. Por último, apareceu o emocionante e competente *Dois Filhos de Francisco*, de Breno Silveira, que passou dos 5 milhões de espectadores, mas seu vigor já tem outra origem: a compaixão.

Depois dessas sessões cheias de drama, parece que o cinema nacional mudou ligeiramente de estado de espírito, na mesma tentativa de falar com o grande público. Agora é a vez da comédia comedida. Ao menos três filmes recentes tentam romper a barreira do gueto dos cinéfilos usando o humor: *Irmã Vap - O Retomo, Gatão de Meia Idade* e *Se Eu Fosse Você*. É conforto certo na poltrona, sem garantia de riso, porém. Os atores vêm da Rede Globo, as tomadas e tramas são previsíveis, ou seja, não há qualquer experimentalismo formal ou coisa parecida. O objetivo é mesmo divertir o grande público, falar com o maior número de pessoas — uma ousadia sadia, diga-se. Vale lembrar uma característica da indústria do cinema: no início, era a comédia sem ambição — exceto a da bilheteria.

Os três filmes têm também outro ponto em comum, o tipo de humor. A matéria-prima deles é um riso limitado, à beira do escracho, e é isso justamente o que os afasta dos bons filmes na maior parte do tempo: falta a pegada desconcertante do bom humor, a avacalhação típica da comédia que tanto pode ser demolidora quanto apenas maliciosa, marca até da aparente ingenuidade de um Mazzaropi.

Há graduações, é claro, entre os três longas. *Irma Vap*, de Carla Camurati, é o que mais se aproxima da gargalhada perturbadora e deliciosa. Apoiado no sucesso da peça *O Mistério de Irma Vap*, recordista em apresentações no palco durante 11 anos, o filme recria a história, mas desta vez Ney Latorraca e Marco Nanini são envolvidos em uma nova montagem, com novos atores. O nonsense é a ousadia do filme, que explode na interpretação de Nanini, seu motor.

Gatão de Meia Idade é um subproduto da tira de Miguel Paiva para os jornais. Seu ponto forte é sempre corresponder ao que se espera dele: quarentão divorciado da classe média carioca quer relacionamento com o maior número possível de mulheres. Adivinhe só: quando ele quer sexo, elas querem... amor, e vice-versa. *Se Eu Fosse Você*, de Daniel Filho, também volta sempre ao porto seguro da história aguardada. Seus protagonistas, Tony Ramos e Glória Pires, vivem a rotina de um casamento de mais de 20 anos. Até que um dia, por causa de uma misteriosa conjunção de planetas, trocam de corpos. Aí, vêm todas aquelas situações que imaginamos diante da troca de papéis entre homem e mulher — e que realmente queremos ver: o primeiro dia em que ele, na pele feminina, fica "menstruado"; a primeira vez que ela, no corpo peludo, vai ao mictório, etc.

A comédia comedida não é, claro, o único caminho a seguir depois de um banho doído de drama, como o que vivemos com *Cidade de Deus* e *Carandiru.* Basta ir a uma sessão de cinema argentino para ver outras saídas possíveis. Nossos hermanos têm preferido colocar sob as gargalhadas o drama e a realidade, em filmes como *Clube da Lua,* em cartaz nos cinemas brasileiros, e *Nove Rainhas* e *O Filho da Noiva,* ambos disponíveis em DVD. Pode-se argumentar que não são comédias típicas da sessão escracho, o que é verdade. Mas é difícil afirmar que não há ali um espírito humorístico incontido.

Nove Rainhas, de Fabián Bielinsky, fez a première dos argentinos por aqui, contando em ritmo de aventura a história de pilantras que puxam o tapete de outros pilantras. Não, não se trata de um filme sobre política. Seus personagens vivem no rés-do-chão da sociedade, como diria o escritor português José Saramago, ou seja, à margem da "sociedade organizada" e à mercê da marginalidade, portanto. Em cada canto, está a decadência argentina posterior aos anos 80. Mas essa diversão é para o espectador que se der ao trabalho de aproveitá-la. Quem quiser apenas rir com a correria, as falcatruas e algumas boas tiradas estará bem servido.

Já *O Filho da Noiva* e *Clube da Lua* não são por acaso do mesmo diretor, Juan José Campanella. Nesses dois, novamente um país e sua população de afogados estão por trás de histórias para se ver com a família num domingo à tarde. Comungam ainda com Afoye *Rainhas* o talento de servir vários cardápios ao espectador: ele que decida o que deseja. São comédias dramáticas desconcertantes, na medida em que levam o espectador a um ponto desconhecido.

Cócegas na inteligência

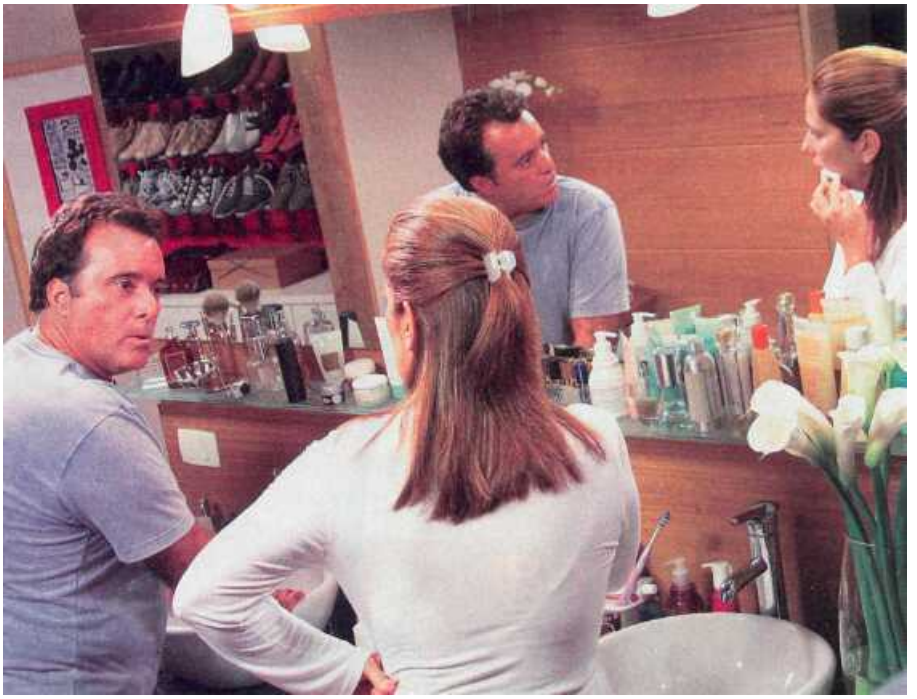
Nada mais distante do que se assiste no trio brasileiro. O contato com a realidade passa distante da mansão na Barra daTijuca do casal de Se *Eu Fosse Você,* ou mesmo do apartamento na Lagoa do *Gatão de Meia Idade.* Não há demérito nisso, é apenas uma questão de escolha. Mas até importados considerados bobinhos por aqui, como o sagaz *O Amor Custa Caro,* dos irmãos Joel e Ethan Coel, revelam um retrato por trás dos sorrisos branquinhos do par romântico George Clooney e Catherine Zeta-Jones. No caso específico, o retrato que se descobre é o de uma sociedade pra lá de doente.

É possível ao cinema brasileiro produzir isso? Sem dúvida. Basta lembrar de filmes nem tão antigos assim. *Dias Melhores Virão,* de Caca Diegues, é um exemplo. Pensando bem, lá se vão quase 20 anos. Bem, há sempre *Boleiros,* de Ugo Giorgetti, para ocupar esse espaço. Houve também *O Alto da Compadecida,* de Guel Arraes, além de O *Redentor,* de Cláudio Torres. O primeiro tentou e conseguiu falar com o grande público. O segundo fracassou, mas está entre aqueles filmes que fazem cócegas na inteligência.

Produções recentes argentinas também fazem graça, mas de outro jeito

Mas, afinal, há algum mal nessa fornada de comédias contidas nacionais? Por que exigir mais desses firmes que, declaradamente, pretendem oferecer uma ou duas horas de pura diversão? À primeira vista, não há mal nenhum nessas produções. E não há por que cobrar mais delas, já que são absolutamente honestas com o público: vieram para divertir. Não é pouco.

Diga-se, porém, que o público nem sempre tem correspondido a esses estímulos. *O Gatão de Meia Idade* estreou em 11 salas da Grande São Paulo. Durou apenas três semanas em cartaz no mercado mais importante do País. Vale lembrar que o costume dos proprietários de salas é substituir o título assim que a lotação baixa dos 50%. *Irma Vap* saiu com 29 salas paulistas no início de abril e, no fim do mês, já tinha desaparecido de mais da metade delas. É possível que ambos tenham mais sorte em outras capitais. Mas o resultado em São Paulo é um indício de que o público não riu o suficiente com eles. *Se Eu Fosse Você* é a exceção: é um absoluto sucesso em matéria de bilheteria. Lançado em janeiro, continua em cartaz hoje e já ultrapassou os 3,5 milhões de espectadores. Há que se respeitar o gosto de tanta gente. • •



***Se Eu Fosse Você é* exceção: sucesso de público desde que foi lançado, em janeiro**

Fonte: Foco, ano 3, n. 36, p. 64-65, 30 abr. 2006.